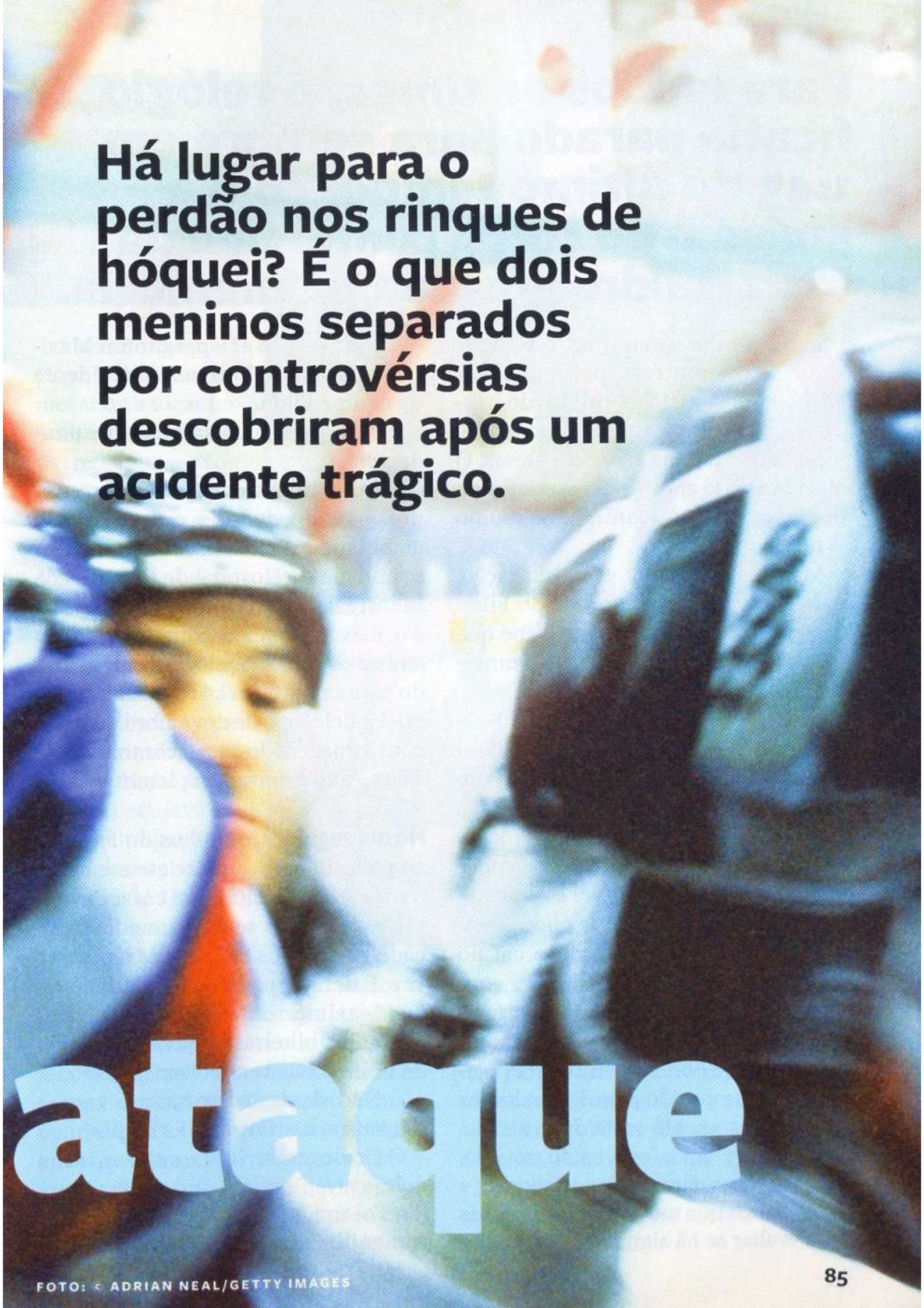


# Além da linha de

POR LISA FITTERMAN



**Há lugar para o perdão nos riques de hóquei? É o que dois meninos separados por controvérsias descobriram após um acidente trágico.**

**ataque**

# Para ambos os times, o relógio ficaria parado para sempre em 1:43 do último tempo, com a imagem do corpo contorcido de Marc-André gravada na memória.

**C**om o seu time, o Blitz de Montreal, perdendo por 3 a 0 no início do terceiro tempo, Marc-André Émond está com pressa. O atacante de 15 anos dribla um jogador, depois outro, enquanto corre rumo à rede.

Maxime Tremblay entra em ação. Alto e anguloso, o defensor do Filon de l'Abitibi-Témiscamingue sabe que neste jogo de um torneio em Pointe-Claire a vitória é obrigatória.

Marc-André corre para o fundo do campo. Maxime, atrás dele, perde o taco. É difícil ver o que acontece em seguida: se Maxime, desesperado, se estica e empurra as costas de Marc-André ou se simplesmente voa sobre ele. O que é inconfundível é o impacto quando Marc-André se choca contra a amurada de proteção e cai no gelo, seguido pelo apito do juiz.

Mas Marc-André não se levanta. “Não consigo me mexer”, sussurra.

A multidão observa em silêncio Maxime ser expulso do jogo. Dez minutos depois, quando ele volta do vestiário, Marc-André ainda está caído no gelo, sem se mexer, cercado de treinadores e enfermeiros que movem as suas pernas para avaliar se há alguma sensação.

– É grave, não é? – perguntou Maxime a Catherine Larivière, presidente da equipe Filon.

– Não parece coisa boa – respondeu ela.

Alguns minutos depois, Marc-André é tirado do gelo e posto numa ambulância rumo ao centro de traumatologia do Hospital de Crianças de Montreal. O Filon vence o jogo por 4 a 0, mas há pouca comemoração. Para ambos os times, o relógio ficaria parado para sempre em 1:43 do último tempo daquele jogo de novembro de 2009, com a imagem do corpo contorcido de Marc-André gravada na lembrança.

**No dia seguinte**, o ônibus do Filon ficou em silêncio durante as sete horas da viagem de volta para casa. Em geral, os meninos relaxavam com brincadeiras e jogos de cartas. Não dessa vez. E nenhum estava mais calado do que Maxime, sentado com os ombros caídos, as olheiras como testemunho da noite passada em claro, pensando.

– Não devia ter soltado o taco – murmurava. – Por que fiz aquilo?

Os colegas se juntaram em torno dele.

– Foi um acidente, Max – tentaram tranquilizá-lo. – Isso vai passar.

**Maxime (foto) só percebeu que havia algo muito sério acontecendo com Marc-André quando viu que ele não se movera após dez minutos.**

Mas não passou. Logo, celulares começaram a tocar no ônibus. Larivière e os treinadores tiveram uma conversa às pressas na frente antes de chamar Maxime. A notícia foi dada e era mais horrível do que todos imaginavam. Marc-André, um dos artilheiros da liga, estava tetraplégico. Na imprensa, especulava-se que o choque fora intencional. Na Federação de Hóquei de Québec, falava-se em processo.

Agora Maxime estava no meio de um debate acalorado sobre a violência comum no jogo, até o nível da Liga Nacional. Havia temores de que o esporte tivesse ficado agressivo demais, com golpes na cabeça, marcação ilegal e choques fortes. Os treinadores de Maxime sabiam que sempre havia escândalo quando os jogadores faltosos eram penalizados com pouco mais do que

uma suspensão. Também sabiam que existia o mesmo debate nas ligas mais jovens, com pais e treinadores cobrados por insistir que os jogadores mais novos recorressem à violência física.

E a dita “obstrução” de Maxime era descrita como mais um exemplo da violência descontrolada do jogo: um menino com acne no rosto se tornara o vilão do hóquei.



**E**m Montreal, a mãe do jogador ferido estava angustiada. Nancy Émond andava de um lado para outro no centro de traumatologia do hospital. Tudo acontecera tão depressa... Num instante saía do chuveiro, após um longo dia de trabalho numa pousada local; no instante seguinte, torcia as mãos num táxi, correndo pela cidade para ficar ao lado do filho. Marc Dubé, o ex-marido, a encontrou no hospital.

Nancy sempre se preocupara com a tênue linha divisória que, no hóquei, separa o dever de ganhar do perigo de machucar alguém. Naquela temporada, não assistira a muitos jogos porque, por mais que se orgulhasse do talento de Marc-André que atraía a atenção dos olheiros de juniores, tudo era estressante demais. Ela sempre esperava que o pior acontecesse.

Agora, acontecera. O caso de Marc-André era um dos cerca de 600 ocorridos em jogos de hóquei tratados por ano naquele centro de traumatologia, que iam de ossos quebrados e concussões a lesões na medula espinhal.

“Não consigo me mexer”, disse Marc-André aos pais. “Não sinto meu corpo.”

Jean Ouellet, cirurgião ortopédico pediátrico, chamou os pais de lado para explicar que o alto da cabeça do filho recebera a maior parte do impacto da queda. Apesar do capacete, a força foi suficiente para quebrar duas vértebras do pescoço e fazer um fragmento de osso se alojar na medula.

“Temos de operar agora mesmo”, disse Ouellet. “Ainda bem que ele foi

trazido diretamente para cá: aqui, temos condições de tratá-lo. Se tivesse ido para outro hospital, perderíamos um tempo precioso.”

A operação começou às 11 da noite. Ouellet abriu o pescoço de Marc-André, afastando para um lado a traqueia e o esôfago e para o outro a artéria carótida, a fim de ter espaço para trabalhar. Removeu uma das vértebras danificadas e o fragmento de osso alojado no tecido mole da medula. Também consertou a vértebra quebrada que restara, usando um bloco de osso tirado da bacia do adolescente.

Às três da madrugada, Marc-André estava no tratamento intensivo. E às seis horas daquela tarde – 24 horas depois de ser jogado contra a amurada do rинque – continuava sem sensibilidade nos braços.

Ainda tonto com a anestesia, pergou os pais de surpresa ao perguntar: “Quando volto a jogar hóquei?”

Eles ficaram sem fala.

**Maxime Tremblay**, agora de volta à cidade de Malartic, no noroeste da província de Québec, lutava com a culpa e o medo. Todos diziam que tudo ficaria bem, mas como saber com certeza? Era muito difícil se concentrar na escola, e os treinos de hóquei se transformaram num horror, porque ele andava assustado demais. Preocupava-se: *E se eu machucar alguém de novo?* Imaginava que Marc-André o culparia pelo que acontecera.

Maxime também temia que não pudesse mais jogar hóquei, que a Federação de Hóquei de Québec o trans-



**“O impossível não é nada”:** Marc-André enfrentou horas de fisioterapia e se dedicou à recuperação, ignorando os prognósticos médicos de que nunca voltaria a andar.

formasse em bode expiatório da luta para reduzir a violência e combater a imagem negativa.

Criado em Chibougamau, pequena comunidade da região da Baía James, na província de Québec, vivia para o hóquei. Fora por ele que saíra de casa naquele mês de setembro e viajara mais de 400 quilômetros para se matricular num dos poucos programas

de curso secundário com esportes da enorme região.

Por mais que a despedida fosse difícil para Caroline Thériault, a mãe que o criou sozinha, ela entendeu a necessidade. “É a ambição da sua vida”, disse ao filho. “Vá atrás.” Mas depois da lesão de Marc-André, Maxime achava que não conseguiria avançar. O treinador Gérald MacDonald tentou tranquili-

# Maxime estava dilacerado entre a vontade de jogar hóquei e a necessidade de entender o que acontecera no jogo. Mas ele era apenas um garoto.

zá-lo: “Não foi culpa sua. Jogue o que sabe.”

Ele tentou, mas era apenas um garoto dilacerado entre a vontade de jogar hóquei e a necessidade de entender o que acontecera no calor do jogo. Fez duas consultas com um psicólogo e conversava regularmente com a mãe. Mesmo quando o medo do futuro diminuiu – a Federação de Hóquei de Québec decidiu que não eram necessárias novas sanções –, ele continuava assustado demais para ligar para Marc-André.

**E**nquanto isso, Marc-André começava o longo caminho da recuperação. Duas semanas depois da cirurgia, foi transferido para um hospital de reabilitação na zona leste de Montreal. Ocupou um quatinho no terceiro andar, que transformou em santuário dos esportes. Havia balões da Liga Nacional de Hóquei, uma foto de Maurice “Rocket” Richard, um urso de pelúcia com a camisa do Canadiens e muitos cartazes, inclusive um de Michael Cammalleri, ala esquerda do Canadiens, e outro de Muhammad Ali com olhar feroz,

com uma frase dizendo “O impossível não é nada”.

Este logo se tornou o lema de Marc-André, recitado entre dentes enquanto cumpria a rotina semanal: horas de fisioterapia, aulas com professor particular, sessões com o psicólogo.

No começo, oscilava entre determinado e deprimido. Às vezes, imaginava sair andando do hospital – com seus patins. Outras vezes, atormentava-se porque nunca mais voltaria a andar, ponto final, nem jogaria hóquei, nem sequer se tornaria bombeiro, que era o plano B.

Mas, aos poucos, percebeu que se irritar com o destino não o ajudaria a melhorar. Ainda era o garoto a que os outros jogadores recorriam quando precisavam de conselhos, o capitão do time, que se esforçava e liderava pelo bom exemplo.

*Se eu não lutar agora, quem sou eu?*, perguntou a si mesmo. *Agora, essa é a minha vida. Tenho de me concentrar!*

Embora não conseguisse sentir os músculos da perna, concentrou-se em contraí-los e relaxá-los até que, finalmente, formigaram e, depois, se mexeram. Ele suava para pegar blocos de madeira com os dedos paralisados em

garras, efeito colateral comum em lesões da medula. Manteve contato com os colegas do Blitz por meio de torpedos e visitas constantes. Ficou deslumbrado quando Brian Gionta, astro do Canadiens, foi visitá-lo. E gostou da decisão da sua liga de escrever a palavra “respeito” na camisa dos jogadores.

Mas ainda faltava alguma coisa. Queria ver Maxime, e o seu desejo foi publicado num jornal em Malartic.

Quando Maxime o leu, ligou para a mãe: “Eu gostaria de ir.”

**O encontro foi marcado** para o último fim de semana antes do Natal de 2009, quando o time do Filon voltaria a Montreal para um torneio. Maxime levou ao hospital de reabilitação um cartão de melhoras e uma caixa de bombons.

O rapaz mal conseguiu olhar o colega no leito. O antigo corpo musculoso de 1,82 m de Marc-André estava dez quilos mais magro, as pernas atrofiadas debaixo do cobertor. Maxime respirou fundo.

– Sinto muito – disse, num arroubo.  
– Não foi de propósito.

– Tudo bem – respondeu Marc-André. – Foi um acidente. Queria que você viesse para eu lhe dizer que a culpa não foi sua.

**E foi assim:** o menino que lutava para voltar a andar encontrou forças e generosidade para perdoar aquele jovem torturado pela culpa. Maxime não soube o que responder, além de balbuciar “obrigado”.

Marc-André continuou:

– Disseram que você não estava jogando. Só porque não estou jogando você não precisa parar.

– Estou jogando. Como você está?

– Trabalho bastante e tenho esperança.

Nenhum dos dois conseguiu pensar em mais nada a dizer. Afinal de contas, eram apenas dois meninos envolvidos pela ansiedade nacional com a violência nos esportes. Mas não estavam acostumados a falar sobre sentimentos.

Menos de dez minutos depois de começar, a conversa acabou. Os garotos não falaram da lição que aprenderam do modo mais difícil: a vida é frágil e pode mudar num instante.

## DE PAI PARA FILHO

**Quando meu pai,** meu irmão e meu sobrinho foram escalar na Califórnia, tornou-se um desafio ver quem conseguia chegar primeiro a um determinado cume. Surpreendentemente, meu pai ultrapassou os dois jovens, que se arrastavam alguns metros abaixo. Ao chegar ao cume, meu irmão virou-se para o filho e disse, todo orgulhoso:

– Meu pai consegue sempre vencer o seu! *Sra. C. Baldock, Reino Unido*